

Prefeitura Municipal de Porto Alegre/PMPA
Secretaria Municipal de Educação/SMED
Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Alegre/EPA



Relatos autobiográficos escritos pelos estudantes da T5/EPA,
no 1º semestre de 2009.

Índice

Editorial	03
<i>Liane Matos e Eliana Menegat</i>	
Tudo é possível, é só acreditar	04
<i>Bruno Damião Coelho</i>	
Minha pior escolha	07
<i>Carlos Tafarel Gonçalves Carvalho</i>	
Realidade de “RUA”	09
<i>David Alisson da Fonseca Leite</i>	
Relato autobiográfico	10
<i>Ezequiel Gonçalves da Fontoura</i>	
História da Lígia	11
<i>Lígia Aparecida da Silva Nunes</i>	
A vida do Noturno	14
<i>Luciano Oliveira Gazapina</i>	
Realidade vivida na sociedade	15
<i>Luís Fernando Farias Ferraz</i>	
O dia mais ensolarado da vida de Fernando	19
<i>Luís Fernando Farias Ferraz</i>	
Minha vida na rua	25
<i>Marcelino José Guedes</i>	

Editorial

Liane Matos

Eliana Menegat

Os estudantes da EMEF Porto Alegre/EPA tem muitas histórias para contar e neste primeiro semestre de 2009 a totalidade 5 – T5 - propôs a edição de um livro contendo seus textos. Escolheram o título “Contos da T5 EPA” e o trabalho foi desenvolvido com as professoras Liane Matos de Informática Educativa e Eliana Menegat de Língua Portuguesa, no Laboratório de Informática da EPA.

Na aula de Língua Portuguesa estudou-se o gênero textual relato autobiográfico, narrativa escrita na primeira pessoa, e lemos o texto “Relato autobiográfico de Celso Athayde e metamorfose de Alex Pereira” do livro Cabeça de Porco dos autores Luiz Eduardo Soares, MV Bill e Celso Athayde, Editora Objetiva. A leitura desse livro foi sugerida por um dos estudantes.

Os textos foram digitados num editor de texto do microcomputador e durante o desenvolvimento das atividades começaram a ser superadas algumas dificuldades com o registro das suas experiências de vida e temos certeza de que esta publicação vai marcar o momento que a T5 está vivendo na EPA.

Com o objetivo de preservar o processo de aprendizagem de nossos estudantes, seus textos foram revisados de forma cooperativa (estudante e educadora).

Os textos foram escritos especialmente para esta publicação, registrando suas reflexões sobre suas histórias de vida.

Na EPA todos os trabalhadores: direção, coordenações, professores, estagiários e funcionários são considerados educadores e todos os espaços são espaços de aprendizagem.

Tudo é possível, é só acreditar

Bruno Damião Coelho

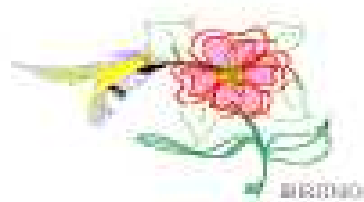


Eu sonho em ter uma vida melhor do que essas pessoas que já moram na rua a mais tempo do que eu. Poder ajudar, dando algo a elas que eu nunca tive. Desses 19 anos que eu tenho de vida, passei pouco tempo com minha verdadeira família, minha família de sangue.

Em dois meses que eu morei na rua já fui detido pelos policiais cinco vezes para averiguação e numa dessas vezes eu estava portando uma peixeira de um amigo e eles levaram. Para piorar os lixeiros me tiraram o pouco que eu tinha: roupas, cobertor e comida. Dependo da ajuda dos meus amigos mais próximos e eu sei que posso dar a volta por cima. Fui evangélico durante quase dez anos, mas resolvi parar de frequentar a IURD e por causa disso acho que Deus me deixou de lado, pois tenho passado algumas dificuldades para sobreviver nas ruas. Agora estou passando por uma delas, estou sem roupas para vestir, mas creio que mesmo eu não estando na casa de Deus, ele está comigo e eu vou resolver tudo isso.

Agora eu posso dizer que estou olhando para frente. Na escola em que eu estou aprendo cerâmica, conheci vários amigos, pessoas que me dão atenção e se

importam comigo, com o que eu sinto e não me deixam na mão. Passei o dia das mães sem a minha mãe do meu lado, mas fiz algo para dar-lhe de presente, pois eu ainda a amo muito e sinto muito sua falta. Posso dizer que mal posso esperar para vê-la. Não só ela, como também meu pai e meu irmão. Ah! Não posso esquecer do meu cachorro, o Bethoven.



Depois de ter escrito o trecho acima, fui procurar a família que me adotou. Mal posso acreditar que estou de novo em casa com eles. Hoje estou muito feliz, pois pedi a Deus para voltar a vê-los outra vez, mas ainda falta alguma coisa. Está faltando a pessoa que eu amo.

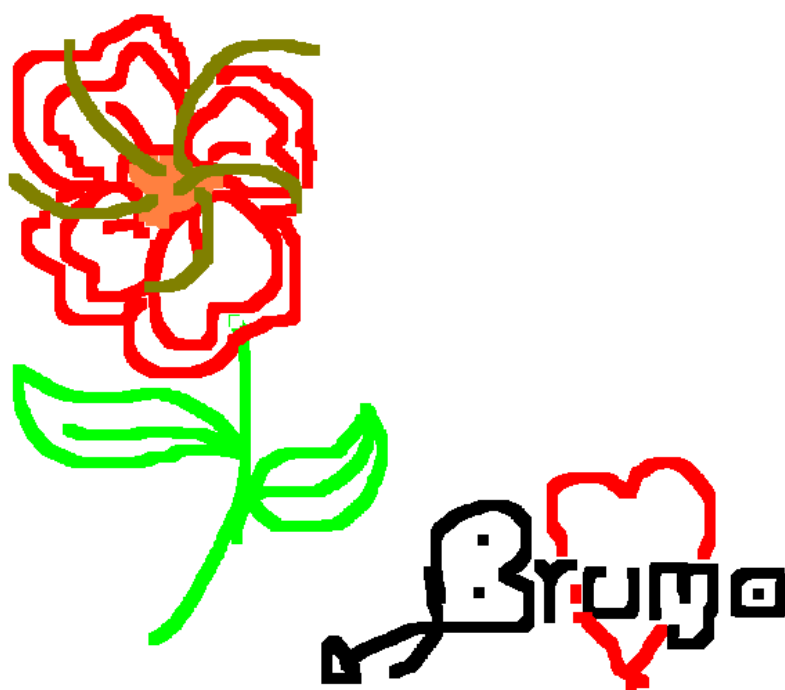
Minha inspiração para viver vem do alto, se não fosse por ele eu não teria forças para lutar e acreditar que eu posso dar a volta por cima, pois eu creio em Deus.

Eu poderia estar morto ou no HPS esperando a morte me buscar, mas agora que estou de volta, na minha casa, preciso resolver minha guerra interior para não cair novamente.



Agora é vencer ou vencer, desistir JAMAIS.

A minha vida seria diferente se eu não tivesse sido rebelde e desobediente com a minha mãe e, principalmente, com Deus, pois eu era dizimista e sempre fui o queridinho da mãe, depois do meu irmão mais novo que tem mais crédito do que eu. Já fui embora de casa umas 3 ou 4 vezes e sempre meti os pés pelas mãos. Isso tudo pode mudar, basta eu ter força de vontade e querer mudar.



Minha pior escolha

Carlos Tafarel Gonçalves Carvalho



Minha história começa no dia dois de novembro de dois mil e um (02/11/2001), quando por causa do álcool meu pai começa a bater na minha mãe. Eu assistindo a tudo aquilo comecei a ver a vida realmente como ela é. Daí pra frente vi os meus irmãos irem embora, meu pai se afundando no álcool, cada vez mais, e espancando minha mãe. Até que um dia minha mãe cansada daquilo resolveu mudar de vida, achando que indo embora de casa isso tudo iria acabar. Mas era só o começo.

Fiquei com meu pai, morando numa casa que estava caindo aos pedaços e o pior, sem meus irmãos e nem minha mãe. Aquela casa parecia muito mais triste.

Terça-feira, dois meses haviam se passado e me dei conta que a minha família havia ido embora. Eu continuava morando com meu pai, mas a cada dia que passava eu sofria mais com aquilo, buscando-o todo dia nos bares da cidade.

Acabei tomando uma decisão muito forte: ou eu ficava e via meu pai se acabar na sarjeta ou eu iria embora e tentaria encontrar a minha felicidade.

Sexta-feira, dia quatro de junho de dois mil e dois (04/06/2002). Eu estava em casa quando recebi um recado do meu vizinho; “Tafarel, corre lá, teu pai tá passando mal lá na frente do bar!” Larguei o que estava fazendo e fui em direção do bar onde se encontrava meu pai. Chegando vi que havia uma roda de pessoas em volta dele. “Por favor, deixem ele respirar” – disse eu, sabendo que o que deu nele era do álcool. Levei ele para casa e tomei a pior decisão da minha vida, ir embora da minha casa. Arrumei as minhas coisas e antes que meu pai acordasse saí de casa e fui em direção a parada de ônibus. Peguei o ônibus em direção ao centro de Porto Alegre, mal sabendo que seria a pior besteira da minha vida, porque se eu não encontrasse a minha família no centro, eu estaria praticamente na rua.

Chegando no centro me deparei com a desigualdade das pessoas e com a pior coisa da minha vida, o desrespeito para com pessoas como eu (mal arrumado e com fome). Dez horas da noite de quinta-feira, eu estava me arrumando para dormir embaixo do Viaduto da Conceição, quando ouvi ruídos a alguns metros dali. Vi então que tinha um menino sentado numa caixa daquelas que fruteiro usa. Quando ele me avistou ficou surpreso e logo puxei conversa ...

Realidade de “RUA”

David Alisson da Fonseca Leite

Bom, meu nome é David Álisson da Fonseca Leite, tenho 18 anos e eu vou contar um pouco da minha história de vida.

Eu nasci em Porto Alegre, mas me criei em Caxias do Sul com meu pai, mãe e irmãos .

Foi lá que eu cresci, vendo e aprendendo, meu pai e mãe cheirando cocaína e fumando Crack. Nós tínhamos que ir para a feira para conseguir dinheiro para eles usarem drogas. Se não arrumássemos, nós apanhávamos e muitas vezes tínhamos que ir na casa dos traficantes trocar alimentos por crack, muitas vezes em dias chuvosos, enfrentando polícias.



Muitas vezes eu via meu pai batendo em minha mãe e também o pai com uma faca de serra no banheiro cortando os pulsos.

As vezes eu e meus irmãos tínhamos que ir nas casas dos vizinhos para pedir um pouco de comida porque em casa não tinha, por que meu pai vendia. Muitas vezes eu fugia de casa para não apanhar.

Quando tinha jogo do Caxias tínhamos que ir cuidar de carro para “eles” se drogarem. Meu pai ficava na casa do meu tio fumando pedra e lá ele ganhava do meu tio porque o tio é patrão do tráfico que corre na vila conhecida como zona do cemitério. O nome vem porque existe um cemitério no meio da vila onde já vi muitos matarem e jogarem os corpos para dentro do cemitério.

Foi assim que eu e meus irmãos começamos a usar drogas também.

Esse é um pouco do relato da minha dura vida, com pais drogados e eu sem saber se estão vivos ou mortos, mas nem faço questão de saber...

Eu vim para Porto Alegre com seis anos para morar com meus padrinhos e não quis mais voltar para Caxias do Sul com meus pais.

Aqui em Porto Alegre eu tive educação e carinho que não tive dos pais. Comecei a estudar, aprendendo com minha irmã e depois fui para a escola onde estudei até a sexta série. Depois conheci o mundo das ruas e do tráfico das drogas...

Relato autobiográfico

Ezequiel Gonçalves da Fontoura



Eu sou apenas mais um adolescente querendo sobreviver neste mundo, mas está difícil porque não consigo arrumar meus documentos.

Quando eu começar a trabalhar tudo vai mudar para mim. Eu preciso parar com as drogas para poder sobreviver melhor.

Eu quero sair desta situação precária, ter uma vida como todo mundo, ter um emprego bom, ter uma casa boa e continuar levando a vida como ela é, um pouco sofrida, mas estou levando devagarzinho.

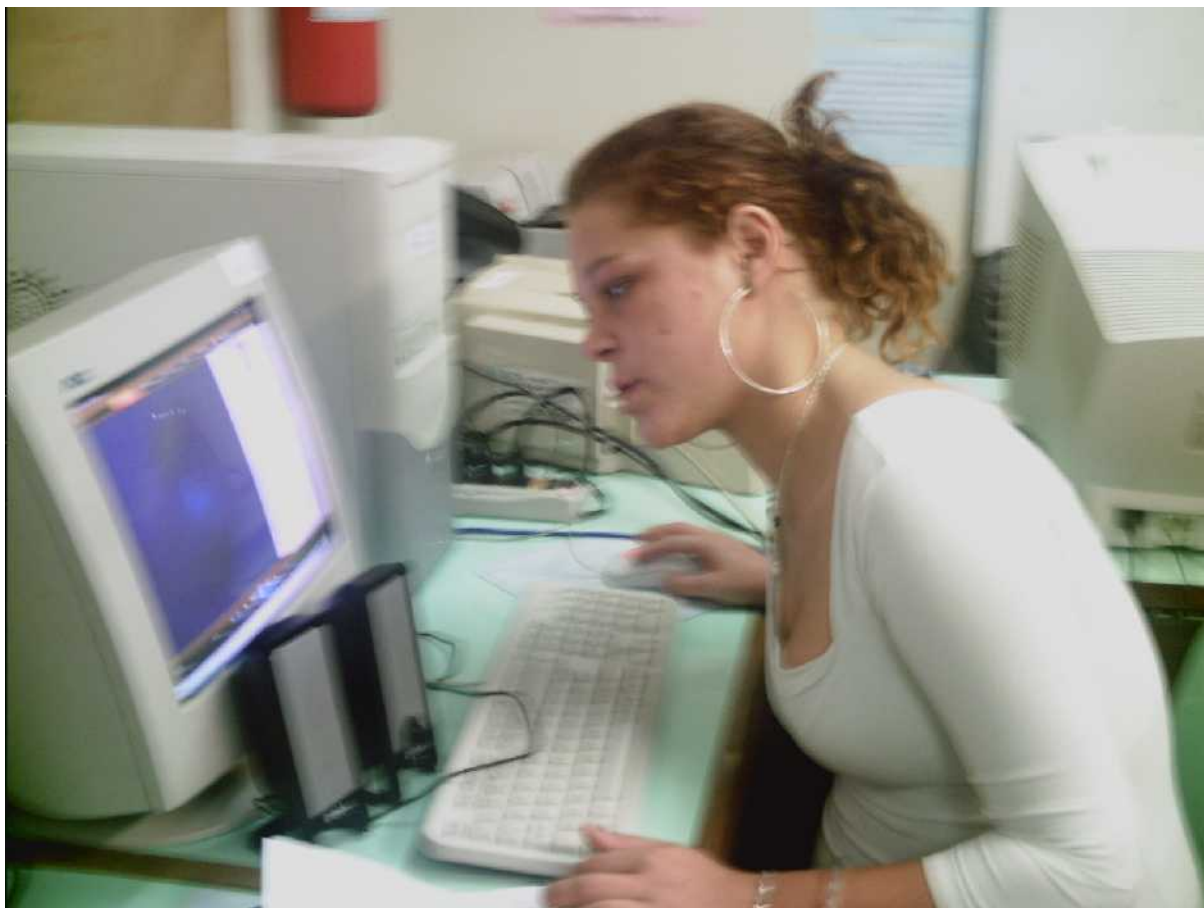
Uma vez quando eu tinha dez anos, eu tinha duas namoradas. Teve um passeio da escola e eu levei uma delas, mas a outra acabou indo também. Elas se encontraram e começaram a brigar. Quando fui separar, elas pularam em mim. Então eu deixei elas brigarem. Foi assim que eu aprendi que namorar com duas garotas dá confusão.

História da Lígia

Lígia Aparecida da Silva Nunes

Nesse texto quero falar sobre mim. Eu estava usando drogas, então encontrei um cara que gosta de mim que está me ajudando a sair das drogas, aí comecei a estudar de novo e fui bem recebida na escola, por isso que eu acho que aqui é o meu lugar. Não quero mais esta coisa para mim, estou bem feliz, contente, casada e estudando. Minha mãe está feliz comigo. Fiz meus documentos.

Tenho quatro irmãs, uma se chama Carla, a outra Maria, outra se chama Beatriz e a última é Talita. Eu e minhas irmãs brigávamos muito, uma não podia ver a outra. Tem minha mãe e meu padrasto, eu não gostava dele, mas fui me acostumando com ele.



Esta sou eu na Info, divertida e inteligente.

Eu mudei e quero neste ano passar para a T6. Minha irmã está estudando no colégio comigo e está sendo legal. Hoje é segunda-feira, estou para passar na

casa da mãe, também vai ter festa no colégio do Luciano Gazapina. O Luiz Fernando é o líder da turma e eu sou a vice-líder, falando nisso o Fernando vai começar a se engraçar para minha irmã e eu não vou deixar porque ele é um sem vergonha.

Tenho um monte de coisas para falar e escrever.

Amo muito o Cláudio, ele não sai mais da minha cabeça.

Eu quero dizer que com o que eu estou vivendo eu vou mostrar pra minha mãe, minhas irmãs e pro meu namorado que eu posso melhorar.

Hoje é quarta-feira, eu fui no bonde e foi muito legal tinha muitos guris bonitos, tocamos instrumentos musicais, pagode e funk, lanchamos e eles jogaram futebol. Depois cantamos e dançamos até chegar na ZERO HORA, me deixaram ali e eu caí do bonde, que vergonha!

Na quinta-feira me acordei, tomei café, arrumei minha cama, as 11h tomei banho e me arrumei pra ir ao colégio. Cheguei no colégio almocei e fumei o meu cigarro de costume, né! Sentei na praça, tomei aquele café bem pegado e bateu a sineta. Entramos na sala de aula, passaram um filme dos alunos da encomenda das pastas da T1, T2, T3, T4 e T5, depois fomos pra sala da T5 e o professor Carlos fez uma assembleia com a turma, bateu pro recreio e lanche. Daí no lanche surgiu a história de que eu era a vice-líder da turma e teria que ir na Conferência às 8h da noite.



Depois fui em casa largar a mochila. A 7h meu namorado foi trabalhar e ele queria que eu fosse com ele no trabalho dele e eu disse:

- Não Cláudio, eu como representante tenho que participar da Conferência.

-Tá, vai! Toma 5 reais compra cigarro e o resto compra de lanche.

Fui, ia chegar um pouco atrasada mas ia chegar. No meio do caminho chegou um cara pelas minhas costas, tampou a minha boca, me puxou para dentro da Redenção e me perguntou se eu não queria fazer um programa e eu disse que não, que estava indo na Conferência e ele começou a me enforcar e me bater. Daí comecei a desmaiar, me acordei e ele não estava no meu lado, tinha um monte de guardas municipais. Fui parar no DECA, depois fui para casa e meu namorado estava brabo comigo.

Hoje posso me dar conta que nenhuma pessoa está livre de brigas, o mundo está perdido e quem está fazendo isto somos nós mesmos.

Esta é a minha história, triste ou feliz, mas é minha.



Lígia

A vida do Noturno

Luciano Oliveira Gazapina

Ele teve uma vida muito sofrida fugiu de casa aos 9 anos de idade porque seu cunhado batia muito nele. Dormiu de baixo da sua própria escola, achou legal e começou a fugir todas as vezes que tinha oportunidade. Conheceu uma turma de amigos na rua e convive com eles desde os 9 anos de idade. Começou a usar loló aos 10 anos de idade e gostou, começou a ser usuário.

Conheceu a escola da sua vida, onde aprendeu que roubar não era sua praia...

Conheceu uma mineira que tinha sotaque gaúcho... que ensinou a respeitar e amar as pessoas, não agredir ou machucar, nem dizer palavrões. Sempre teve carta branca na escola, ou seja, sempre foi elogiado pela sua personalidade.

Hoje ele é bem mais esperto, tem mais habilidade com as coisas, aprendeu muito com a rua: a sobreviver no frio, na chuva, no sol, a ficar doente, a se queimar com queimaduras de 1º grau... Jogou verde para colher maduro.

Para sobreviver na rua tem que ser um guerreiro de elite como um soldado que sai do inferno e renasce das cinzas para fazer seu céu e viver em harmonia.

Amizade é uma família que não se compra, não importa se é branco, preto ou negro a família é para se guardar no coração...



Fotos de estudantes e educadores da EPA na entrega do prédio da Borges de Medeiros, em Porto Alegre, ao Movimento Utopia e Luta

Realidade vivida na sociedade

Luís Fernando Farias Ferraz



Meu nome é Fernando e desde criança moro em Porto Alegre, mais precisamente na Ilha Grande dos Marinheiros, onde vivi a maior parte da minha vida com minha avó e meu avô. Nós éramos uma família humilde e muito pobre, minha avó trabalhava de faxineira e meu avô, na época, estava desempregado, mas sempre me ensinaram a nunca tirar nada de ninguém. Eu cresci um pouco deprimido, pois não tive amor de pai e mãe e acredito que o amor de pai e mãe é uma das coisas mais importante em nossa vida.

Minha mãe na época do meu nascimento tinha 15 pra 16 anos. Era uma guria ainda, nem sabia como era ter um filho. Se não bastasse isso, ela usava drogas e desde pequeno eu sempre quis ouvir uma palavra carinhosa de minha mãe, mas eu quase nunca a via.

Eu sempre quis poder ver o mundo de uma maneira diferente: sem fome, drogas, violência ou guerra.

Tive vários amigos, uns ainda vivos e outros já não se encontram mais entre nós. A cada dia quando eu acordava ou até mesmo antes de deitar, pedia a Deus para que iluminasse minha vida e família, que cuidasse de minha mãe e de todas as pessoas que não tinham o que comer, onde dormir ou coisa parecida.

Sempre fui um menino muito rebelde e brigão e como consequência destes defeitos, quando eu tinha nove anos conheci uma outra realidade, a realidade da rua. Após ter aprontado na escola, eu não queria voltar para casa, pois sabia que ia apanhar. Então achei melhor ir para a rua sem conhecer nada, sem um teto pra dormir, sem uma casa, sem ninguém bom. Fui para Viamão, peguei o ônibus e nem sabia para onde eu iria. Apenas sabia que eu precisava ficar longe de tudo. Então fui para um abrigo, se não me engano o nome do abrigo era Cisne Branco. Lá eu fiquei durante um bom tempo até que descobriram que minha família não morava em Viamão e que por isso eu teria que ficar em um outro abrigo da cidade onde eu morava, no caso Porto Alegre. Fui para o Odila em Ipanema, fiquei durante um bom tempo. Até que numa manhã chuvosa apareceu uma Kombi dizendo que eu iria para um lugar melhor. Esse lugar se chamava LBV e era realmente um lugar magnífico, totalmente diferente de todos os outros. Fiquei lá durante três anos e me arrependo até hoje de ter saído.

Depois disso retornei para minha casa com minha avó. Nos primeiros meses foi maravilhoso, mas o tempo passou e tudo começava a se repetir. Achei que seria melhor mais uma vez ir para a rua, saí caminhando e chorando e fui até o centro de Porto Alegre.

Caminhei, caminhei, e caminhando encontrei uns meninos pedindo na porta de um banco. Era um dia muito frio e antes de eu sair de casa eu havia colocado duas calças e dois casacos. Pensei numa forma de arrumar uns amigos e perguntei se um deles estava com frio. O Espinho me disse que estava, então dei a ele uma calça e um casaco e comecei a conversar com eles. A noite ia chegando e eu perguntei se podia ficar por ali com eles, pois nunca tinha dormido na rua. Um deles, o Carlos Alberto, mais conhecido como Coelho, disse que tinha um lugar onde ele ia que dava pra dormir a noite. Me lembro que quando ele me disse isso fiquei meio desconfiado, mas eu não tinha outra opção. Ele me disse assim: “Eu entro e você vem logo atrás”. Cheguei meio assustado, mas depois me adaptei. No dia seguinte me encaminharam ao Lar Dom Bosco, um lugar muito legal onde tive muitos amigos

e aprendi muito.

Tem algumas pessoas que sempre vão estar dentro do meu coração. Um é o Batista. Bah! Um pai pra mim, sempre me dando conselhos para o bem e dizendo que eu poderia escolher qual caminho seguir, o do bem ou o do mal. Uma pessoa magnífica que Deus colocou em meu caminho e tenho um carinho muito grande por ele. Também tem várias outras pessoas que fizeram a diferença em minha vida: a Naide, coordenadora do Lar, a Cíntia, na época assistente social, a Carol, psicóloga, e várias outras pessoas.

Fiz vários cursos e quando completei 16 anos conheci uma outra família, a EPA. Uma escola só para meninos em situação de vulnerabilidade social que devolvia a oportunidade para os jovens que não estavam em casa continuarem estudando. Uma escola diferente que além de aula, dava sempre muito amor e carinho para os alunos. Eles tinham uma paciência que, bah!, nem tenho palavras para descrever. Pra mim já era mais uma etapa em minha vida e foi o período onde eu mais consegui refletir sobre o mundo. Comecei a me dar conta que ao mesmo tempo em que o país é o número 1 em exportação de alimentos, é também o 23º em desnutrição. Também comecei a me dar conta do motivo de tantas pessoas passarem fome em nosso país. A gente começa a ver isso no momento em que o país paga mais a um jogador de futebol do que para um professor. Então a minha visão de mundo começou a ficar mais clara, graças as conversas com os professores da Escola Porto Alegre e com os colegas.

Acredito que esta realidade está sendo vista a todo momento, ao caminharmos pelas ruas, pelas praças e em outras áreas. O nosso país, quanto ao bem estar do ser humano, está cada vez pior. Estou tentando fazer a minha parte, pois todos nós temos os mesmos direitos, independente de classe social.

Eu só queria poder andar pelas ruas e ver crianças com suas famílias, brincando e tendo o amor e o carinho de seus pais, coisa que eu não tive quando criança. Será que é pedir muito?

Pretendo ter uma família, ser uma pessoa de bem e dar para meus filhos tudo que eu não tive. Claro que isso não vai ser da noite para o dia, mas quando queremos uma coisa de verdade, basta acreditar em si mesmo e nunca se achar nem maior e nem menor que ninguém. Deus está lá em cima e sabe cada passo certo ou errado de cada um de nós.

Nosso país está sim com muitos problemas, mas acredito que isso só irá se resolver se nós nos dermos as mãos e correremos atrás de nossos objetivos. Volta e meia me vem na cabeça cenas de minha avó brigando com todo mundo, chingando, falando que eu era um diabo e várias outras coisas. Dói na alma cada vez que lembro disso, ainda mais no dia das mães. Vejo amigos e conhecidos com presentes para as mães, escrito “Mãe Te Amo”, então me pergunto: “Por que eu ainda tento comemorar o Dia das Mães se nem mãe tenho? Muitas pessoas se queixam por não ter algumas coisas e eu que não tenho nada.” Sabem onde encontrei as respostas para tudo isso?

Eu ainda estou vivo, tenho dois braços e muita vontade de ter minha família de volta. Tem uma pessoa especial que é o meu avô, uma pessoa que sempre foi muito batalhadora. Na verdade nem era meu avô de sangue, mas me criou desde pequeno e me ensinou todas as partes boas que tenho em mim. Hoje vejo ele não só como um avô, mas sim como um pai. Fico com medo de perder estas duas pessoas, meus avós, porque são pessoas que com certeza eu nunca mais, nunca mesmo, vou esquecer. Muitas vezes achava que família boa mesmo, só tinha em novelas ou em famílias ricas, mas hoje eu vejo que família boa não requer ter dinheiro e sim amor.

Espero que Deus me dê forças para suportar todas estas barreiras e chegar ao maior objetivo: ver um sorriso de orgulho no rosto de meus avós. Fiz muitas coisas que ao lembrar-me tenho vontade de me matar! As vezes penso o porquê de tantas bobagens ... eu não dava a mínima para escola e família. Hoje vejo que se eu tivesse maturidade, eu não estaria tão pobre de carinho. Esse carinho não é um carinho qualquer, até porque tem de vários tipos. Falo de um carinho maior, um carinho de família, aliás eu amo essa palavra. Não sei bem por que, talvez seja porque é meu sonho: reconquistar a minha família. Quero deixar um recado para todos jovens que têm sua família: agradeçam a Deus todos os dias por terem não só uma cama para dormir, mas por terem ao lado de vocês pessoas que realmente querem ver o bem de vocês.

Espero um dia voltar a escrever um outro relato de uma vida nova.

Valeu galera!

O dia mais ensolarado da vida de Fernando

Luis Fernando Farias Ferraz



Fernando era um menino muito triste porque achava que as coisas para ele sempre davam errado. Em um dia de muito sol, Fernando e seu amigo Claiton foram passear contentes por uma praia.

Eles eram muito amigos, um contava tudo para o outro, estavam sempre juntos e costumavam falar para todas as pessoas que eram irmãos.

Durante o passeio, Fernando que era um menino muito inteligente, comentou

com Claiton:

- Eu estava olhando na internet e você nem sabe o que descobri.

Claiton, um menino muito curioso, logo perguntou:

- O que você descobriu Fernando?

- Na Escola, em uma aula de História meus colegas e meu professor Carlos estavam falando sobre nosso país.

Claiton não gostava muito de estudar e falou:

-Tá, mas o que tem isso?

E então Fernando falou:

- Nosso país é o número um em exportações de alimentos e o 23º em desnutrição. Lembra aquela vez que passamos lá na Vasco da Gama, aquela rua perto do barzinho da tia Carla, que vimos aquelas pessoas atiradas na calçada e você comentou comigo?

- Sei sim, mas você acha que é verdade isso? Que num país como o nosso aconteça isso mesmo?

- Olha, se é verdade não sei, mas a cada dia que passa aumenta mais e mais as pessoas nas ruas. Até quando isso irá acontecer, Claiton?

- Na realidade eu não sei, Fernando.

- Estas coisas servem para cairmos na realidade. As vezes colocamos comida fora enquanto milhares de pessoas morrem de fome e a primeira coisa que falamos quando acontecem estas coisas é que a culpa de tudo isso é do prefeito de nossa cidade. E você acha que é, Claiton?

- Olha, Fernando, parte desta culpa pode sim ser dele, mas também temos nossa parcela de culpa nessa história.

- É verdade mesmo. Começamos a ver isso no momento em que no nosso país se paga mais a um jogador de futebol do que para um médico. Não acho que fazemos de nossa vida o que realmente deveríamos fazer.

- Por quê? - pergunta Claiton para Fernando.

- Porque temos esta visão do nosso país e ao invés de tentarmos fazer algo para mudar esta sociedade e esta desigualdade social, ficamos aqui imaginando como poderia ser, mas não fazemos nada para que isso se concretize.

- Mas a gente não pode fazer nada, Fernando!

- Podemos sim.
- Fazer o quê?
- Começar fazendo a nossa parte, não tocando nenhum tipo de alimento fora e sempre que possível tentar saber um pouco mais sobre isso com nossos professores.
- Mas Fernando você não acha que se alguma coisa pudesse ser feita, os nossos professores e as pessoas de nossa cidade já teriam feito?
- As vezes as pessoas nem se dão conta destas coisas, pois pensam que nada podemos fazer, quando na verdade só depende de nós para as coisas mudarem. E é por isso que todas as noites antes de dormir, deito e peço a Deus para que cuide de todas as pessoas que estão na rua, com fome e frio. Sempre ao me acordar pela manhã, levanto e me vejo cada vez mais triste porque vejo que as coisas continuam da mesma maneira, até pior.
- Ah! Então descobri porque você é este garoto tão triste. Você acha que as coisas poderiam ser diferentes, com menos pessoas passando fome. Não é Fernando?
- É sim, mas acredito que pode ser diferente, não que poderia. Não é digno umas pessoas morando na rua sem nada para comer, enquanto as pessoas jogam alimentos fora e tem mais de quatro casas. Você não acha que parte disso é falta de solidariedade?
- Será Fernando, será esta falta de solidariedade que faz com que tantas famílias passem por estas situações?
- Acredito que não seja só isso. Existem também outras coisas como a falta de emprego e o salário mínimo que é pago as pessoas. Você acha justo?
- Não é justo porque um salário mínimo era para garantir moradia, alimentação, saúde, vestimentas, lazer, mas não tem como fazer isso com um salário de R\$ 480,00. Sem contar os impostos, não é Claiton?
- É verdade ... vamos levantar desta areia. O sol já está indo embora e passamos o nosso dia falando sobre este tema. Acho que devemos levar isso adiante, como você mesmo falou não vamos conseguir mudar nada se ficarmos sentados aqui!
- Verdade, vamos dar continuidade a esta conversa com a Dona Vivaldina. Ela

é uma amiga de minha mãe e também uma pessoa muito sábia, com certeza saberá nos falar algo com sabedoria.

- Vamos lá na casa dela ?

- Vamos sim.

Os dois caminharam e caminharam, até que enfim chegaram na casa da Senhora Vivaldina. Chegando lá, Fernando bateu na porta e ela logo perguntou:

- Quem é?

- Sou eu, o Fernando, filho da Dona Cecília.

A senhora abriu a porta e então lhe disse:

- Sim, o que você deseja?

- Queria conversar com a senhora sobre um grande problema. Será que pode me dar um minuto do seu tempo?

- Sim, claro meu jovem, entre aí e vamos conversar.

- Dona Vivaldina, estávamos eu e o Claiton conversando sobre alguns dos problemas do nosso país e queríamos saber como era no seu tempo de adolescente. Será que poderia nos falar um pouco de sua visão sobre o mundo?

- Olha meu filho, sempre tive uma visão muito diferente das outras pessoas. O mundo desde quando eu era mais novinha, já tinha esta dificuldade, mas antes era um pouco menos.

- E antes também tinha tantas pessoas passando fome no nosso país? - perguntou Claiton.

- Acredito que tinha menos pessoas com fome porque antes as pessoas produziam mais alimentos na zona rural. Com a migração diminuiu a produção de alimentos porque por mais que lá ninguém passasse fome, as pessoas não tinham atendimento médico como se tem na cidade. Aí começou a diminuir a produção de alimentos, fazendo com que aumentasse o valor dos alimentos – falou Vivaldina.

- E a senhora não tem nenhuma ideia do que podemos fazer para tentar ajudar estas pessoas que estão em situação de vulnerabilidade social, na rua ? - perguntou Claiton.

- Bom, no momento não sei o que dizer a vocês a respeito, mas é uma coisa para se pensar ... O que levou vocês a falarem sobre este assunto?

- É que as vezes vemos pessoas nas ruas e sempre dialogamos sobre o

porquê de tanta miséria, mas normalmente não passa do diálogo, falamos e falamos sempre, mas não fazemos nada para mudar. Acho que chegou a hora de termos a coragem e a vontade de realmente mudar esta situação e por isso gostaríamos de contar com a sua ajuda. A senhora topa nos ajudar? - disse Fernando.

- Sim, com certeza garotos!

Até que então o menino Claiton, que estava quieto, falou:

- Podemos começar assim: fazendo uma panela gigante de comida e distribuímos a estas pessoas. O que vocês acham?

- Nossa, Claiton, é uma ideia brilhante! Não é, Dona Vivaldina? - falou Fernando.

- Sim meu garoto, é uma excelente ideia, mas como vamos fazer para arrecadar os alimentos?

- Já sei! Vou falar com meus colegas e professores, na semana que vem vai ter festa junina na Escola. A gente tenta arrecadar o máximo de alimentos e depois disso faremos a comida e levaremos para estas pessoas. Pode ser Dona Vivaldina? - disse Fernando.

- Pode ser, sim garotos! Assim que vocês conseguirem os alimentos venham até aqui que vamos fazer a comida para estas pessoas. Enquanto isso também vou falar com umas amigas e vou ver o que eu consigo.

No outro dia, os dois chegaram na escola e começaram a contar para a turma sobre a sua ideia. A galera da Escola achou o máximo e todos prometeram ajudá-los. Chegou o dia da festa e as pessoas trouxeram alimentos, vestimentas, cobertores, enfim muitas coisas e se colocaram a disposição de Fernando e Claiton para ajudar nesta caminhada. Os dois aceitaram a ajuda e assim formaram um mutirão.

Até que Fernando comentou com Claiton:

- Este dia é o dia mais ensolarado da minha vida!

- Digo o mesmo, nunca me senti tão bem! Agora vamos levar todos estes alimentos lá para a casa da Dona Vivaldina - falou Claiton.

- Vamos sim, o quanto mais cedo fizermos isso, mais cedo vamos ajudar as pessoas.

Chegaram lá com toda a galera e com as mãos cheias de alimentos,

cobertores e vestimentas. Dona Vivaldina ficou espantada e disse a eles:

- Garotos, vocês são uns anjos! Fiquei pensando a semana toda em nossa conversa e achei muito legal, mas achava que ela ia ficar só no pensamento de vocês. Vocês realmente estão levando esta coisa a sério!

- Sim, Dona Vivaldina, estamos levando muito a sério, pois nunca havia me sentido assim antes, podendo ajudar estas pessoas. Temos que agradecer a todas as pessoas que colaboraram com esta ação, não é verdade pessoal? - falou Claiton.

Toda galera falou um sim que chegou a tremer o chão.

Então Fernando disse:

- Pois é pessoal, com a nossa união conseguiremos ajudar de alguma forma as outras pessoas. Acredito que muitos de vocês já haviam pensado em alguma coisa parecida, mas temos que ir muito mais longe. Temos que não só pensar no que podemos fazer e sim trabalhar em cima de nossas ideias.

A população aplaudiu Fernando durante um bom tempo e depois de tudo isso cada um voltou para sua casa.

No dia seguinte os dois jovens novamente foram procurar as pessoas para continuar esse trabalho. Todas estas pessoas formaram uma ONG homenageando os dois jovens Fernando e Claiton. Os dias se passaram e a comunidade estava cada vez mais unida e assim, um ajudando o outro, eles acabaram com o maior problema da comunidade.

Minha vida na rua

Marcelino José Guedes

Existem dois lados: um é a marginalidade que acontece nas ruas. Eu vejo muita corrupção da polícia, tipo suborno e agressão física. Ontem eu e meus amigos fomos abordados por PMs e eles foram legais, mas um dia antes um amigo meu foi preso porque ele estava foragido e, após a abordagem, ele foi agredido a pontapés. Depois foi encaminhado para o presídio central.

Agora vamos falar das guerras entre vilas, tipo Restinga e outras. Acontecem muitas mortes e violência devido as disputas pelo tráfico de drogas.

Agora vou falar de mim. Eu sou o Marcelino, já fui preso, mas agora estou livre. Estou sofrendo muito



porque estou longe de casa e morando na rua. A situação está difícil, mas também tem um pouco de alegria porque a gente se diverte com os amigos e fazemos muitas brincadeiras. Quando eu era pequeno fui convidado para traficar e aceitei. No começo foi bom, mas depois começaram as guerras porque um guri me deu um tapa na cara e eu dei um tiro no pescoço dele. Aí depois tomei quatro tiros na perna, depois disso tive que fugir porque ele era filho de um patrão que era contra a nossa vila.

Eu havia falado que existiam dois lados. Sobre o outro lado eu não quero falar porque me dói. Eu tenho um pacto e em boca fechada não entra mosca.

Publicação feita na EMEF Porto Alegre – EPA / SMED / PMPA
Rua Washington Luiz, 203 - Centro - CEP: 90010460 - Porto Alegre / RS
Fone / Fax: (51) 32274429
site:<http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/epa/>
e-mails:

Direção da EPA: emef.portoalegre@smed.prefpoa.com.br

Organização da publicação: lianematos@pop.com.br

Direção da EPA: Marcia Gil Rosa
Bernadete Nunes Simon

Coordenação Pedagógica das Totalidades Finais da EPA: Míriam Pereira Lemos

Organização da publicação: Liane Matos

Desenhos da capa e texto: Bruno Damião Coelho

Fotos: Estudantes e Educadoras

Estudantes:

Bruno Damião Coelho
Carlos Tafarel Gonçalves Carvalho
David Alisson da Fonseca Leite
Ezequiel Gonçalves da Fontoura
Lígia Aparecida da Silva Nunes
Luciano Oliveira Gazapina Gazapina
Luís Fernando Farias Ferraz
Marcelino José Guedes

Estagiário: Romel Falcão Jamonot Machado

Educadoras:

Eliana Menegat
Liane Matos

Reprodução feita em Impressora Jato de Tinta.

Porto Alegre, junho de 2009.